



CORPO DE DELITO

Um charuto no deserto

As únicas fronteiras que verdadeiramente há são as que temos em nós e as que colocamos entre nós



Rui Patrício

Viajar não é transpor fronteiras entre países, simplesmente porque elas não existem. Fronteiras são não-lugares, ficções de soberania, ilusões de segurança, pontos de referência nos mapas. Tudo está em todo o lado, tudo as transpõe e as ultrapassa. As únicas fronteiras que verdadeiramente há são as que temos em nós e as que colocamos entre nós. E não há melhor do que viajar para as conhecer e para – querendo e podendo – as retirar ou, pelo menos, esbater.

Tudo viaja, tudo as transpõe. Em Atacama, esse grande deserto no norte do Chile que se diz ser o lugar mais seco do mundo, é possível acabar a noite com um pouco de Cuba, em forma de charuto, e um pouco de Brasil, em forma de caipirinha – talvez a bebida que melhor

acompanha um robusto – enquanto se folheia Nabokov. Ao lado, um casal de gringos muda de mesa para encontrar rede sem fios mais potente para alimentar os seus tablets-último-grito, enquanto o filho adolescente, algo aborrecido, ouve as últimas da música anglo-saxónica. No bar, enquanto uns bebem goles das terras altas da Escócia, outros preferem o aroma de um chá indiano, e outros ainda, porventura mais sensíveis ao frio da noite no deserto, escolhem a vodca. Nada disto é Atacama, mas tudo isto, e muito mais, de muitos outros lugares, está cá e tudo isto é, também, Atacama. E mesmo muito do que parece ser de cá, destas terras, também veio de outros lugares. Parte da água subterrânea que alimenta os oásis veio das terras altas da Argentina ou da Bolívia; a religião que construiu igrejas, como as – singelas, mas fortes – de São Pedro ou de Toconao, veio da Espanha dos conquistadores, e mesmo algumas figuras bíblicas que as decoram têm os traços dos povos europeus, e não os traços indígenas. As aves migram, os ventos migram, as sementes também. A alta tecnologia que dá forma e préstimo aos observatórios astronómicos

que se instalam no altiplano andino para aproveitar a limpidez destes céus também vem, quase toda, de outros lugares. E, no entanto, tudo isso faz parte e tudo isso é, também, Atacama. E a lua, a lua cheia que aparece por detrás do vulcão Licancabur poucos dias antes do ano novo de 2013, é exactamente a mesma que se pode observar na Cidade do Cabo, nos arredores tumultuosos de Dakar, na noite fria e ordenada de Estocolmo ou na humidade pastosa de Kuala Lumpur.

Uma só lua, a mesma em todo o lado. Também ela viaja, transpõe tudo e não conhece fronteiras. Só nós as conhecemos e as temos, dentro de nós e entre nós. E podemos senti-las e observá-las, com a nitidez que o céu de Atacama permite, quando, por exemplo, fumamos o charuto, bebemos a caipirinha e observamos o que se passa em nós e em redor. Hábitos, receios, preconceitos, sobranças, silêncios, manias, línguas e tantos outros carimbos que trazemos nos passaportes que quase nunca largamos. E a lua – se a vejo bem no céu limpo do deserto, apesar do fumo do charuto – ri-se de nós.

Advogado. Escreve ao sábado



Em Atacama é possível acabar a noite com um pouco de Cuba e um pouco de Brasil